



Prof. Dr. Manuel Jacinto Sarmento

Biografia:

Manuel Jacinto Sarmento é Professor Associado com Agregação aposentado do Instituto de Educação na Universidade do Minho - Braga, Portugal. Possui graduação em Estudos Portugueses pela Universidade do Porto (1980), mestrado em Administração Escolar - Universidade do Minho (1993) e doutorado em Estudos da Criança (1997) e agregação em Sociologia da Infância - Universidade do Minho (2007). Membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-9498>

Entrevistadora:

Rhaisa Naia de Pael Farias (UnB)
rhaisa.pael@unb.br

Estudos da Infância no mundo: tendências e perspectivas

1. Qual síntese histórica você faria sobre o campo dos Estudos da Infância? Quais diferenças pode-se destacar entre o período inicial e atualmente? Para onde caminha?

Manuel Jacinto Sarmento: Os estudos da infância correspondem à procura da construção de um campo inter/multidisciplinar, capaz de agregar ciências que desde o final do século XX se tem debruçado sobre as crianças e a infância e que procuram entre si estabelecer uma relação capaz de configurar uma visão global e holística da criança e da infância, como a sociologia, a antropologia, a história, a psicologia, a geografia e entre outras.

Eu creio que o impulso inicial para a construção deste campo de estudos nasceu na Sociologia da Infância e teve alguns autores de referência como Jens Qvortrup, Priscilla Alderson, Berry Mayall e Leena Alanen, entre outros. Mas, rapidamente agregou outros pesquisadores da infância, como alguns psicólogos, por exemplo, gente da história, da economia, de geografia, etc. Numa versão inicial os Estudos da Infância assumiram aquilo que foram as grandes proposições formuladas pela Sociologia da Infância, que são: as crianças têm que ser estudadas em si mesmas; não são um ser em transição mas devem ser pensadas dentro da sua sincronidade; as crianças são atores sociais; as crianças são cidadãos de pleno direito e é nesse sentido que a investigação da infância com as crianças deve ser realizada.

A partir desse momento e da definição de alguns desses pressupostos de base, emergiram algumas diferenças, e eu creio que neste momento o campo dos Estudos da Infância é um campo marcado por diferentes correntes paradigmáticas. Temos uma corrente, talvez a mais tradicional, de teor estrutural que apoia-se em uma visão crítica da sociedade e do modo de constituição da infância na modernidade ocidental, mas tende a enfatizar os processos estruturais

da constituição da infância, portanto, os fatores econômicos, históricos, políticos e sociais da constituição da infância.

Em contraponto, temos uma corrente compreensiva ou interpretativa que percebe as crianças a partir do que elas mesmas fazem, no modo como elas agem, das interações que estabelecem, dos processos culturais que elas constroem dentro das suas interações sociais com outras crianças e com os adultos. É uma corrente interpretativa que não quer dizer que esteja desatenta aos aspectos estruturais, mas tende sobretudo a pensar à ação concreta das crianças.

Temos depois alguns autores que integram a corrente que designo por desconstrucionista, que, sobretudo, pensam na infância a partir daquilo que são os processos sociais de designação e, portanto, das construções normativas, tentando fazer a sua desconstrução a partir de uma análise sociológica e histórica com uma visão crítica.

E, temos depois uma outra corrente que tende a sublinhar aquilo que são as condições de opressão das crianças, que eu denomino sociologia crítica da infância ou por estudos da infância críticos, que tem hoje uma articulação muito profunda, na maior parte dos casos, com as perspectivas pós-coloniais e decoloniais com a questão da análise das crianças do sul global que se torna absolutamente crítica daquilo que é a normatividade da criança ocidental, eurocentrada, etc.

Uma outra corrente finalmente, portanto dentro destas cinco, é uma corrente que poderia designar como uma Nova Fase ou *New Wave*, que é uma autodenominação que procura articular os Estudos da Infância com algumas visões filosóficas, pós-humanistas, a partir da abordagem do antropoceno, sendo crítica frente à realidade predatória das condições ambientais que a humanidade vive e, ainda com a abordagem filosófica por exemplo, da teoria do Bruno Latour, que sobretudo tendem enfatizar as relações da infância com outro actantes, designadamente com a materialidade que constitui o cotidiano das crianças, feito das tecnologias da informação, das redes sociais, dos celulares, tanto pela forma de interação virtual que essas tecnologias favorecem e permitem e ainda da relação com o meio natural, com os animais, com as plantas e com a natureza em geral.

Creio que, neste momento, aquilo que é mais importante é exatamente esta diferença sobre os caminhos. Nós vivemos numa fase em que provavelmente estamos fazendo um balanço e procurando encontrar as afinidades e também as diferenças.

As últimas grandes publicações neste campo são dossiês exatamente sobre o estado de desenvolvimento dos Estudos da Infância. Isso foi feito na Revista *Childhood*, por vários livros e autores, como por exemplo, *Spyros Spyrou*, um autor grego que tem trabalhado sobre essas matérias e é um dos editores atuais da Revista *Childhood*.

Portanto, neste momento, suponho que a realidade é esta, uma diferenciação de caminhos que, por sua vez, estão refletindo sobre si próprios e procurando encontrar os seus pontos de afinidade e divergência.

Quanto à questão da tendência de para onde o campo caminha, eu suponho que há hoje duas ou três tendências fundamentais. Imagino que uma das tendências seja esta, a de procurar encontrar caminhos diferentes, ou seja, mais que a unidade que estava na base da constituição do campo, hoje o

que é marcante é a diferenciação. Julgo que isso é assim em todas as Ciências Sociais, elas começam em torno de conceitos e problemáticas comuns, mas rapidamente as diferenças paradigmáticas cruzam com diferentes concepções do mundo, da sociedade e da própria produção da ciência e acabam por gerar esta diferenciação. Essa é, portanto, esta primeira tendência.

A segunda tendência - que me parece muito importante - é que tendo este campo nascido essencialmente na Europa, também em ligação com os Estados Unidos, mas sobretudo na Europa (e, aí, sobretudo na Europa Central e do Norte em países como a Grã-Bretanha, Dinamarca, Suécia, Alemanha), hoje o desenvolvimento deste campo de estudos (e portanto de novas perspectivas) faz-se também a partir do Sul Global. Creio que a América Latina tem um contributo muito importante - quer no Brasil, onde tem havido trabalhos muito significativos nessa matéria, quer na Argentina e no Chile, por exemplo, e de outros países da América do Sul - quer na China e na Índia. E creio que, mais cedo ou tarde, emergirá o desenvolvimento deste campo de estudos a partir da África, onde os estudos da infância têm sido sobretudo, desenvolvidos por investigadores europeus e alguns latino-americanos que residem na África. Esta tendência é decorrente do processo de globalização do conhecimento e envolve aspectos que são muito desafiantes pela sua problemática, mas também pelos seus aportes teóricos a este campo.

Creio que uma terceira tendência será um reforço da natureza interdisciplinar dos estudos, designadamente, com a incorporação em várias frentes de áreas do conhecimento que têm estado relativamente afastadas dos estudos da criança, mas que começaram a ser assumidos no diálogo - não necessariamente no diálogo assimilacionista, mas num diálogo que marcará semelhanças e diferenças - designadamente a área científica da neurociência, que hoje começa a ter uma influência muito forte na investigação sobre as crianças e dos seus processos de desenvolvimento individual e social.

Creio que é possível fazer uma abordagem dialógica com as neurociências que recuse o biologismo que é subjacente a este campo, mas que não ignora aquilo que é o contributo que tem para dar conta da complexidade humana.

Uma outra área que eu creio também que estabelecerá fortes conexões e poderá ser incorporada, é a área do urbanismo e do pensamento sobre a cidade, em perspectivas que articulem o conhecimento sociológico, geográfico, da história das cidades, urbanístico e arquitetônico, na pesquisa e na produção do conhecimento orientado para a ação e para a transformação da vida das crianças na cidade.

Interdisciplinaridade com as neurociências e o urbanismo, mas não só. Uma outra área é aquela que estuda sociologicamente os processos de constituição do universo informático e, portanto, das tecnologias de informação, designadamente, a relação com a inteligência artificial e, em geral com todas as tecnologias de comunicação e informação. São questões que têm uma grande atualidade, têm uma importância vital naquilo que é a vida das crianças, nas suas necessidades e cotidianos.

Diferenciação, emergência de novas perspectivas a partir do Sul Global e reforço interdisciplinar são provavelmente as grandes tendências marcantes da próxima década dos Estudos da Infância.

2. Como os Estudos da Infância podem contribuir para pensarmos a infância vivida em diferentes contextos e seus contrastes?

Manuel Jacinto Sarmiento: Sobre este ponto, insisto numa ideia que tem suscitado alguma adesão, mas também alguma crítica. Nós temos que pensar a infância com uma moeda com duas faces: por um lado aquilo que é a sua unidade e, por outro lado, aquilo que é a sua diferença. E, nesse sentido esta visão afasta-se, quer da visão estrutural que pensa sobretudo na unidade da infância, quer da visão interpretativa que sobretudo pensa a infância em sua diversidade. Ora, pensar na unidade e na diversidade parece um exercício absolutamente essencial. Todas as crianças do mundo vivem situações particulares e diferenciadas, mas têm algo em comum: seja qual for a circunstância, todas as crianças do mundo vivem uma relação de dependência estrutural dos adultos. Isso não existe em mais nenhum outro grupo geracional. Esta vulnerabilidade estrutural é produtora de uma normatividade, que se exprime no que é esperado que a criança faça e o que lhe é interdito, e no que se espera que o adulto faça junto da criança e do que lhe é permitido. Esta normatividade teve consagração jurídica e expressão simbólica a partir da Europa e globalizou-se. Há, todavia diferenças importantes entre as crianças. A vida de uma criança de classe média da Alemanha, por exemplo, ou da França, é diferente da vida de uma criança numa comunidade indígena. Não é a mesma coisa uma criança viver nos Estados Unidos da América, mesmo que seja das classes populares, e uma criança que nasce numa comunidade da África Subsariana. Como é diferente também o estatuto dos meninos e das meninas em diferentes sociedades. Como é diferente também a realidade das crianças que vivem em contextos ideológicos e religiosos muito distintos, por hipótese, no Irã ou na Suécia, por exemplo.

A diversidade não pode nunca ser negligenciada, mas também não podemos ignorar o facto de que a criança iraniana, a sueca, a americana, a africana, a brasileira ou a portuguesa tem sempre algo em comum, elas vivem o estatuto social que é decorrente do facto de dependerem dos adultos para sobreviver e isso implica um determinado tipo de normatividade que é socialmente construída. A condição humana é sempre filtrada pela sociedade, digamos assim, e sempre operada a partir daquilo que são regras socialmente estabelecidas. É importante perceber essas regras e perceber o que existe em comum nessas regras socialmente estabelecidas. Muitas delas não são regras explícitas e jurídicas, são apenas implícitas e simbólicas.

Eu acho que a possibilidade de ampliar esta visão da infância a partir da diversidade, sem esquecer essa unidade, parece-me essencial. E mais: os Estudos da Infância europeus ocidentais constituíram-se a partir de uma visão da criança europeia e, sobretudo, da criança da classe média. É claro que houve, desde o início, estudos sobre outras crianças - por exemplo, as crianças migrantes - mas claramente aquilo que foi dominante nos anos de 1990 foi o estudo de uma criança analisada fora do seu contexto de classe e fora do seu contexto étnico-social. Assim, privilegiar hoje a investigação sobre crianças à margem da norma, crianças que estão numa situação de maior vulnerabilidade, me parece essencial para todo o campo dos Estudos da Infância. O estudo, por exemplo, das crianças trabalhadoras, dos meninos de rua, das crianças com deficiência, indígenas, ciganas, das classes

populares, é fundamental para desconstruir essa visão eurocêntrica de uma normatividade única e edificar essa visão de uma múltipla normatividade da infância, para que percebamos aquilo que efetivamente existe de diferente, mas também de comum. E acho que esse é um problema bastante importante. Compreendo bem aquilo que é a vossa preocupação na elaboração deste dossiê, que é visibilizar para este campo de estudos as crianças nordestinas, indígenas, ribeirinhas, pantaneiras, por exemplo, que constituem, dentro da infância, grupos de crianças com culturas diferenciadas e também com condições normativas distintas.

3. Quais as metodologias de pesquisa com crianças precisamos desenvolver, considerando novos enfoques?

Manuel Jacinto Sarmiento: Creio que aquilo que hoje é fortemente marcante nos Estudos da Infância, mas também noutras Ciências Sociais, é o desenvolvimento de metodologias compostas, de articulação entre diferentes métodos capazes de garantir uma ciência atenta àquilo que são fenômenos estruturais - e, portanto, de grande dimensão, com pesquisas extensivas - daquilo que são fenômenos mais identitários, que são mais marcadamente assinalados por fatores de singularidade e portanto, necessariamente também estudos de maior intensividade.

Isto não é possível fazer através de metodologias únicas. A orientação, inicialmente indicada pela sociologia compreensiva, da preponderância das metodologias observacionais e etnográficas cede lugar a outros tipos de estudos, quer estudos macro estruturais, como de estatística, etc., que são fundamentais, quer estudos que incorporem metodologias visuais.

Creio que é cada vez mais importante este diálogo entre a palavra e a imagem na produção do conhecimento científico em Ciências Sociais. As metodologias designadas por *e-metodologias* (metodologias informáticas), que procuram incorporar o conhecimento a partir das produções no interior das redes sociais é fundamental também. Refiro-me a metodologias capazes de dar conta de pesquisas, por exemplo, sobre os *digital influencers* e o impacto que eles têm na vida das crianças e o modo como as crianças assumem ou não essa ação realizada nas redes sociais. Em suma, a adoção de metodologias compósitas que articulem vários métodos e técnicas, e se abram à imagem e à comunicação digital, parece-me ser o caminho atual no campo dos Estudos da Infância.

Também articulado com isto, é cada vez mais importante a reflexão epistemológica sobre o estatuto da criança na própria investigação e nesse sentido, parece-me muito significativo o contributo que tem sido dado pelas chamadas metodologias participativas ou pesquisa participante com crianças. Esta orientação epistemometodológica implica a adoção pelas crianças de um papel de sujeito e não de objeto na pesquisa, mas de sujeito dotado de poder, isto é, com influência sobre o desenvolvimento da pesquisa em todas as fases, no planeamento, na recolha e interpretação dos dados e também na sua divulgação. Sem cair numa posição demagógica de pensar que a criança é um cientista pleno. A criança participa da ciência que incide sobre si, a sua ação, a sua cultura e o seu mundo social, do mesmo modo que outros grupos sociais que se encontram à margem (por exemplo, os indígenas, os camponeses, ciganos e outros grupos socialmente marginalizados) também participam. Eles não podem ser considerados apenas como

objetos que estamos investigando, mas devem ter um papel, no mínimo colaborativo, preferencialmente participativo, no desenvolvimento das pesquisas.

Nos Estudos da Infância, a questão da participação das crianças na pesquisa se torna hoje uma grande urgência e atualidade.

4. Quais caminhos você apontaria para pensarmos a ampliação de processos de participação social, comunitária, política e digital das crianças?

Manuel Jacinto Sarmiento: Nós não podemos pensar fora daquilo que é o seu contexto de vida e eu recuso aquelas concepções apocalípticas que dizem que a tecnologia estraga as crianças. Desde os anos oitenta que Neil Postman e outros autores anunciaram a morte da infância: a criança perdeu a inocência. Essa ideia é aliás, recorrente: a infância terá perdido a inocência com os ensinamentos de Sócrates, com a imprensa, com a televisão, agora com as tecnologias digitais, com as redes sociais etc. Mas as condições de vida e as formas societárias, designadamente os modos e tecnologias de comunicação, não destroem nem matam a criança, antes operam transformações na condição social da infância.

Nesse sentido, não podemos negligenciar análise dessa condição e sou cada vez mais adepto das pesquisas que procuram perceber a infância na sua relação com a materialidade. Quer dizer perceber as crianças - vou usar uma linguagem do Latour - com os actantes sociais não humanos. Creio que aí teremos muitos contributos a esperar e que é uma linha de pesquisa absolutamente fundamental, sem ignorar a importância fundamental que é a relação das crianças com outras crianças e das crianças com os adultos também.

Agora, relativamente à defesa da participação social das crianças creio que esta é uma causa social, mas também uma causa científica. Compete a ciência e ao nosso campo de estudos demonstrar que a participação das crianças não é uma atividade folclórica, com consequências mais ou menos supérfluas, mas a participação das crianças é determinante para a vida em comum, para denunciar uma sociedade que está estratificada e que exclui alguns grupos, mas, simultaneamente, para sustentar a possibilidade de um mundo marcado por relações mais solidárias e mais disponíveis para a resposta aos problemas com que realmente nos confrontamos.

As próprias crianças estão numa fase de nos alertar continuamente para isso, pelas suas próprias movimentações sociais não programadas, isto é, não induzidas pela ação adulta, como acontece, por exemplo, com as manifestações em relação as alterações climáticas e por uma transformação da economia de modo que garanta que efetivamente o planeta sobreviva e não seja destruído. Nas manifestações tão importantes contra violência armada - por exemplo, nos Estados Unidos da América que se cifra em massacre consecutivos nas escolas daquele país. Em muitas manifestações em vários países do mundo relativamente à escola e a educação, como aconteceu também no Brasil. Portanto, as próprias crianças assumem seu protagonismo em várias frentes e estas são causas comuns, dizem respeito à necessidade de transformações sociais que servem tanto às crianças como aos adultos.

Suponho que uma dimensão dentro desse ponto merece uma particular atenção: é a participação das crianças dentro

da cidade. Programas como Cidades Amigas das Crianças, *Citá dei Bambini* e Cidades Educadoras podem ter aqui um papel, desde que as crianças sejam efetivamente consideradas como munícipes ativos, cujas propostas são efetivamente levadas a sério. Não são propostas meramente decorativas ou ilustrativas; pelo contrário, são propostas políticas para serem levadas a sério em todos os domínios da configuração do espaço urbano, no urbanismo, nos equipamentos, na mobilidade e, mais genericamente, nas próprias relações de convivalidade urbana. Porque a cidade é um contexto de proximidade e a participação das crianças na vida da cidade deve ser potenciada pelos adultos. Esta é uma forma das crianças se assumirem naquilo que elas são, e que muitas vezes isso é ignorado, *atores políticos*, isto é, capazes de ter uma opinião sobre a *polis* e, mais do que isso, de ter uma ação sobre a vida coletiva, ajudando construir as opções para o futuro comum.

5. Ao fazer um balanço de seus estudos, você acredita que existam perspectivas que poderia rever? E quais gostaria de reafirmar?

Manuel Jacinto Sarmiento: Eu continuo a desenvolver trabalho de pesquisa sobre a infância ainda que, estando reformado, trabalho como pesquisador na universidade, apenas não dou aulas. Mas continuo a fazer pesquisa, oriento, participo em bancas de doutorado, conferências internacionais etc. E julgo que aquilo que é um traço crescente, digamos nessa fase final do meu trabalho é a ligação cada vez mais direta da pesquisa com intervenção. Isto não é comum na Europa, eu sei que é uma realidade comum em vários países do Sul, designadamente no Brasil, onde a questão da pesquisa e de extensão são questões muito características da configuração daquilo que é uma carreira científica e académica. Contudo, na Europa não é assim. A universidade na Europa ainda tem uma dimensão muito escolástica, centrada naquilo que é a produção e comunicação de saber e essa ideia do intelectual crítico com influência na vida da sociedade, no seu campo de trabalho, não é tão comum assim.

E eu creio que minha vida académica tem vindo a inclinar-se para o reforço desta relação, e nesse sentido, mais do que grandes projetos, tenho-me interessado em trabalhar em pequenos projetos de base local onde possa fazer sentido a mudança da percepção coletiva e da vida das crianças, quer no âmbito municipal, quer, mais genericamente, nas questões das políticas públicas, na questão da proteção das crianças contra a violência intrafamiliar, na questão do combate à exploração infantil. Se fizer uma reflexão sobre o meu trabalho, esta é uma dimensão crescente.

Por outro lado, como já disse em relação aos Estudos da Infância, a abertura interdisciplinar me parece cada vez mais importante e, para mim, a articulação da investigação da infância com aquilo que é arte - das artes performativas, às artes plásticas e à música, - merece-me um interesse muito especial. Tenho desenvolvido pesquisa com análise de desenhos infantis, alguns trabalhos de intervenção em contextos de arte performativos; tenho orientado teses sobre a relação das crianças com a dança, a música coral, o teatro, a educação artística. Aqui há um campo de investigação que me interessa muito, e que pessoalmente tenho abraçado com muita curiosidade e muito interesse. ■